

Juventudes, Lugares e Identidades em Disputa: Estilos de Vida na “Pracinha do Siqueira”

*Frank Marcon*¹

*Mateus Antonio de Almeida Neto*²

Resumo

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2011, em que analisamos a problemática das juventudes e das identidades associadas ao consumo de determinados estilos musicais num Bairro da cidade de Aracaju. Discutimos como tais estilos associados ao *rock*, ao *hip hop*, ao *reggae* e ao *pagode* configuram formas de ser entre os jovens que procuram expressar sua presença no espaço público. Procuramos compreender quem são estes jovens, como eles constroem seus sentidos de subjetivação e distinção para com outros jovens e com os adultos e como eles ocupam e dão sentidos aos lugares do principal espaço de socialização e lazer do Bairro, a Pracinha do Siqueira. **Palavras-chave:** Juventudes, Identidades, Estilos de Vida, Espaço Público

¹ Doutor em Antropologia Social; professor do Departamento de Ciências Sociais da UFS; coordenador do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas; Email: marconfrank@hotmail.com.

² Mestre em Antropologia; Especialista em Ensino de História; Licenciado em História. Professor substituto na UFS e membro do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. Email: telelneto@hotmail.com.

Youths, Places And Identities In Dispute: Lifestyles In The “Pracinha Do Siqueira”

Abstract

This article is the result of a field research elaborate in the year of 2011, where we analyze the problem of youths and identities associated with the consumption of certain musical styles in a Neighborhood of the city of Aracaju. We discussed how such styles associated with the rock, hip hop, reggae and *pagode* can configure forms to be among young people seeking to express their presence in the public space. We seek to understand who are these young people, as they build their senses of subjectivation and distinction to other young people and adults and how they occupy and give sense to places in the main space of socialization and leisure in the Neighborhood, the “Pracinha do Siqueira”.

Keywords: Youths, Identities, Lifestyles, Public Space

Introdução

Neste artigo, objetivamos analisar as tensões, as práticas, os gostos e as experiências associadas ao estilo de vida nos usos dos lugares de lazer e sociabilidades no Bairro Siqueira Campos, cidade de Aracaju (SE). O foco são os jovens que se expõem no espaço público com maior evidência. Eles se identificam com estilos associados à música, como o *pagode*, o *rock*, o *hip hop* e o *reggae*. A pesquisa foi realizada através de observação direta no ano de 2011, durante uma vivência mais prolongada com os jovens que frequentam cotidianamente a “Pracinha do Siqueira”.

O Bairro Siqueira Campos, localizado na Zona Oeste de Aracaju, é porta de entrada e saída da capital de Sergipe. Aí se desenvolveram práticas ligadas às atividades comerciais e de consumo

cultural, que hoje caracterizam o cotidiano local. Atualmente, a “Pracinha do Siqueira”, oficialmente denominada Praça Dom José Thomaz, é a única do bairro. Por ali, há grande concentração e circulação de jovens que se movimentam pelas ruas, bares, lanchonetes e equipamentos urbanos localizadas no seu interior ou no seu entorno, à procura de lazer³ e entretenimento.

Os grupos juvenis pesquisados apresentam características complexas. São de famílias oriundas de diferentes regiões de Sergipe; não compõe uma faixa etária uniforme; apresentam perfil socioeconômico similar; alguns são filhos de pais operários e ex-operários, outros de pais comerciantes, alguns de funcionários públicos e outros de pais aposentados. A maior parte desses jovens são moradores do Siqueira Campos, alguns já residiram no bairro e outros estudaram ou estudam nas instituições escolares do local. Há, ainda, os que frequentam a praça, mas residem em bairros vizinhos ou em outros pontos da cidade e aparecem vez por outra em busca de lazer e consumo. Durante a observação, percebemos uma diferenciação entre os considerados “de dentro” em relação aos ditos “de fora”⁴, como destaca Magnani (2003) em seus estudos sobre São Paulo. Através das práticas vivenciadas no cotidiano da praça são experimentados sociabilidades e sentidos de identificação também associados ao pertencimento ao “lugar”, neste caso o “bairro”.

³ Segundo Barral (2006, p. 43-45), o lazer tem relação com o ócio, mas é uma categoria tensa, ambígua e complexa, pois surge como possibilidade de vivência, quando praticada em espaços de uso coletivo. Para o autor, o lazer ocorre como reposição de energia para o trabalho, como descanso, divertimento e crescimento pessoal e/ou coletivo, como enriquecimento, aquisição de informação e momento de consumo. Assim, as práticas de lazer favorecem formas de pensar, vivenciar e representar a cultura de um grupo, bem como possibilita o exercício de sociabilidades.

⁴ As expressões “de dentro” e “de fora” foram cunhadas por Magnani (2003, p. 89-90) para identificar os grupos juvenis que usam os espaços de uso coletivo das cidades como lugares nos quais se adquire visibilidade a partir de uma particular modalidade de comunicação e cultura. O que o autor denomina de “pedaço”. Para Magnani, o pedaço não é o espaço onde propriamente as pessoas se conhecem, mas se reconhecem devido os usos semelhantes, as posturas corporais, as gestualidades e as linguagens.

Na praça, há outra forma de demarcação da diferença entre estes jovens. Há os que se reúnem em torno de estilos musicais, como o *hip hop*, o *rock*, o *reggae*, que além de considerados em suas especificidades associados a um dado gosto musical também são considerados no conjunto como o grupo dos "alternativos". Já os jovens que se reúnem em torno de estilos relacionados ao pagode são denominados "pagodeiros". Estas denominações se dão entre os próprios frequentadores da praça.

Os "alternativos" têm idades entre os dezessete e trinta e três anos. A maior parte deles cursa ou cursou o Ensino Técnico ligado à tecnologia da informação e de mecânica de automóveis, alguns com o Ensino Superior. Alguns deles não têm uma ocupação definida, outros trabalham em empresas ligadas a comunicação visual e a tecnologia da informação, outros têm o seu próprio negócio associado também a essas áreas de atuação e alguns deles são músicos. Já os "pagodeiros" têm entre os dezessete e vinte e sete anos, uns possuem o Ensino Fundamental e alguns o Ensino Médio incompleto. Eles trabalham como dançarinos de bandas de pagode e de forró, alguns são músicos e tem os que vivem de pequenos bicos auxiliando o trabalho de familiares e amigos.

1. Diferenças de lugar e de gosto

Os estudos sobre as populações jovens têm demonstrado que o lazer ocorre num espaço-tempo específico, caracterizado pela ausência de obrigações e deveres profissionais, familiares, religiosos, entre outros, a partir do tempo ocioso e do espaço lúdico. Neste caso, o lazer estaria vinculado à satisfação pessoal e é expresso como parte da cultura de um dado grupo ou sociedade. Também estaria relacionado a lugares, espaços públicos, equipamentos urbanos, manifestações artísticas, culturais e desportivas. É também no tempo-espaço do lazer, portanto, que os signos ganhariam sentido através de práticas singulares da cultura, reprodutoras e difusoras de processos de identifica-

ção que potencializam diversas formas de sociabilidades (PAIS, 2003; MAGNANI, 2008).

Estudar as juventudes na “Pracinha do Siqueira” nos possibilitou perceber aspectos ligados aos processos de identificação dos grupos e estilos de vida em evidência, pois esta praça é caracterizada por possibilitar encontros, contatos, trocas, consumo, sociabilidades, tensões, o lazer e a circulação de práticas culturais juvenis, principalmente nos finais de semana quando outros jovens se movimentam pelo bairro à procura de lazer e algum tipo de diversão, como as “baladas”. Estes mesmos grupos juvenis se diferenciam, quando lhes interessa, a partir do consumo de códigos visuais, sonoros e no modo como usam os espaços públicos para o lazer no Siqueira Campos. São os gostos e as práticas que demarcam também uma plasticidade na forma de se vivenciar a experiência das juventudes em espaços influenciados por questões locais e globais.

Percebemos que os processos de identificação, neste caso, são relacionais, contextuais, tematizados e também demarcados pela experiência da socialização temporária e de consumo. Não existem identidades fora de contextos. Em si mesmo, o conceito é sempre relativo a algo específico e que está em jogo. Nessa concepção, o ponto de partida dos processos de identificação, seja individual ou coletivo, é o fato de que somos sempre o outro de alguém num dado contexto social. São os encontros, os contatos, as trocas, os conflitos, a memória e o despertar de um sentimento de pertença a um dado espaço e afinidades, mesmo imaginadas, que evidenciam definições de identificação e de estilos.

Nesse sentido, em relação ao Bairro Siqueira Campos, as populações jovens consideradas “de dentro”, vivenciam o dia a dia na “Pracinha do Siqueira” e interagem entre si cotidianamente. Mesmo as associadas a estilos musicais considerados “alternativos” mantêm algum tipo de contato com aqueles reconhecidos como “pagodeiros”. Isso se deve ao fato de vivenciarem numa faixa etá-

ria aproximada os mesmos problemas socioeconômicos, do desemprego, da educação de baixa qualidade e de um futuro incerto no que diz respeito às possibilidades de autonomia familiar.

2. Os “alternativos” como estilo de vida: a “galera” do rock, do hip hop e do reggae

Na “Pracinha do Siqueira”, a “galera do *rock*”, do “*hip hop*” e do “*reggae*” compartilham cotidianamente conversas sobre música, bandas associadas a estilos musicais do interesse de cada um, composições musicais, filmes, *shows*, trabalhos, videoclipes, esportes e drogas consideradas por eles próprios como leves; entre elas, a cachaça e a maconha. Além disso, comentam diversos fatos do cotidiano, como assuntos de destaque na imprensa brasileira e em *sites* diversos. Percebe-se, inclusive, que essas vivências, encontros e contatos acontecem geralmente à noite, sobretudo nos finais de semana, quando trocam experiências ancoradas em relatos que valorizam e reproduzem práticas ligadas a uma produção considerada marginal, que é compartilhada entre amigos. Muitos desses jovens são músicos e vivenciam a produção musical como processo de identificação e diferenciação em relação aos outros grupos.

É também no espaço da “Pracinha do Siqueira” que os jovens considerados “alternativos”, levam instrumentos musicais, principalmente o violão, para tocar e cantar em rodas de amigos. Nesses dias, trajando suas indumentárias e insígnias características, ao som de música, do uso de bebidas e de maconha, se reúnem em diálogos que podem ultrapassar a madrugada, realizando o que eles denominam de “luau urbano”. Em situações mais organizadas ou de modo mais espontâneo os encontros na praça são momentos em que eles compartilham um estilo de vida comum.

Diz um jovem de trinta e três anos,

O bom mesmo é vir pra cá no final de semana, porque vai ter mais gente pra conversar. A gente também trabalha e estuda. Na praça, a gente vai mais nas horas vagas, aí marca com a galera pra compartilhar o que anda fazendo, tá ligado?⁵

Em síntese, percebemos que para os jovens considerados “de dentro”, na “Pracinha do Siqueira”, o tempo ocioso é fundamental como momento que agrega o grupo por interesse dele próprio, sem as obrigações de relações implicadas pela família, pelo trabalho ou pela escola.

Pais (2003) e Magnani (2007) já demonstraram que os espaços públicos como as ruas, os mercados, os parques e as praças são transformados em lugares de lazer, consumo e sociabilidades nem sempre previsíveis. São lugares onde, mesmo de forma inusitada, os jovens aparecem como mediadores de intervenção local, a partir do momento em que ocupam sazonalmente estes espaços de forma não convencionalizada pela norma que regulamenta tais usos e manifestam formas de estar, de linguagens estéticas, de códigos visuais e de percepções de mundo distintas da moral convencionalizada para o lugar.

Em tais contextos, a questão do grupo etário aparece como marcador de um tipo de interação com a praça associada ao tempo livre e a uma faceta da vida que está distante da observação, do controle e da estrutura e poder do âmbito familiar (Martín-Barbero, 2008). Os jovens frequentam a praça em dias e horários específicos, e em cada momento exercitam diferentes modos de vivenciá-la, passando a ser associados ao ócio e a indisciplina pelos representantes do poder público e pelos adultos em geral.

Além da distinção entre jovens e adultos, processos de identificação e de diferenciação também ocorrem entre os jovens. As identidades se processam entre eles a partir do caráter plástico, do uso de bens materiais

⁵ Entrevista concedida por jovem com ensino superior, solteiro, 33 anos, reconhecido como da “galera do *heavy metal*”, 27/09/2010.

e simbólicos associados à música, a partir dos laços de amizade, da memória relativa a um dado espaço, da procedência, da distinção étnica, de classe, de gênero, de parentesco e de vizinhança. É também uma forma de expressar a diferença diante do outro, de manipular códigos que destacam distinções entre os grupos. Como diz Hall (2006), esses processos são jogos dialéticos, marcados por possibilidades de representarem alguma alteridade entre pessoas e grupos sociais no presente.

Uma das descrições mais utilizadas pelos grupos juvenis considerados "alternativos" para marcar a diferença em relação aos "pagodeiros", é o fato de considerarem que "os pagodeiros não tem cultura própria", pois eles utilizariam os bens culturais distintivos de outras denominações das culturas juvenis, como o uso de bonés "pallheta reta", calças folgadas, blusões, tênis e passos de dança que caracterizariam a indumentária do *hip hop*. Além de pulseiras, correntes, *piercings* e alargadores que caracterizariam alguns estilos musicais ligados ao *rock' n roll* e ao *reggae*. Ou seja, os "alternativos" alegam que os "pagodeiros" consomem os ícones entendidos como sendo caracterizadores da autenticidade dos seus ou de outros grupos de estilo, como se os profanassem, vulgarizando suas insígnias como modismos passageiros.

Sendo assim, percebe-se que a simbologia associada à música, como a indumentária, os acessórios, as linguagens estéticas e as gestualidades corporais são traços de distinção que caracterizam culturais juvenis e, ao mesmo tempo, sugerem identificar tais juventudes com construtos de estilos de vida, dos quais os jovens acreditam ser herdeiros e propagadores, devido ao fato de serem considerados praticantes de um determinado modo de vida atrelado ao consumo, a gostos típicos e a uma fase específica da vida.

Além de se movimentarem pela "Pracinha do Siqueira", os agrupamentos juvenis considerados "de dentro", demarcam entre eles seus lugares a partir de códigos visuais e estéticos. Tais demarcações são tênues e fluidas, mas respeitadas pelos frequentadores do espaço a partir de uma etiqueta de convívio e formas de uso do lugar. As juventudes consideradas "alternativas", autoidentificadas com estilos

musicais como o *rock*, o *reggae* e o *hip hop*, geralmente se movimentam pelos gramados atrás das lanchonetes ou ficam embaixo de uma árvore em frente à Igreja Católica, localizada no entorno da praça, ou param embaixo de outra árvore em frente a um colégio particular; às vezes se reunindo próximos à quadra de basquete ou ao ponto de ônibus⁶. A escolha desses lugares, de certa forma, pode dar-se de forma aleatória, a depender de como os grupos vão se movimentando e circulando durante a noite. Mas também pode estar relacionado à própria prática do basquete, ou quando alguns dos indivíduos dos grupos necessitam utilizar o serviço público de transporte para se deslocar a outros espaços da cidade. São nesses espaços que esses jovens se encontram, trocam experiências e dizem “curtir” o seu momento de lazer no bairro, mas também é o modo pelo qual demarcam experiências diferenciadas perante os outros.

A Praça Dom José Thomaz é o espaço público privilegiado dessas juventudes autoidentificadas com um estilo de vida dito “alternativo” para a prática do lazer, de esportes, o bate-papo, o namoro e as trocas de conhecimento sobre as músicas que gostam e a produção artística e cultural do momento. No entanto, ocupam espaços menos centrais da praça, afastados dos bares e lanchonetes, em lugares menos luminosos e um pouco distantes das músicas executadas nos bares da praça. Para os “pagodeiros”, no entanto, há na própria praça bares-lanchonetes que privilegiam o pagode e os estilos afins, como o forró e o arrocha⁷, em suas caixas de som. Esses estabelecimentos são frequentados cotidianamente pelos pagodeiros, onde conversam, paqueram, consomem, trocam experiências, ouvem música e dançam.

Diante da intensificação dos contatos entre os jovens e a pluralidade de estilos de vida estabelecidos na “Pracinha do Siqueira”, este espaço tem

⁶ Ver Mapa da Movimentação dos Grupos na “Pracinha do Siqueira”.

⁷ Estilo musical e dança proveniente do estado da Bahia. Tem influências da seresta e da música brega. É um estilo romântico, que apresenta uma dança sensual tocada ao ritmo de teclado, saxofone e guitarra.

vido caracterizado como lugar onde ocorrem manifestações significativas, em que são acionados códigos referentes a universos simbólicos diferenciados. Isto quer dizer que a “Pracinha do Siqueira”, além de ser um espaço de trânsito, de práticas e de afirmação entre as juventudes consideradas “de dentro”, do bairro, também pode ser vista pelas populações juvenis de outras localidades como um espaço típico para o lazer e o divertimento associado a determinados estilos, onde os jovens podem se relacionar não só por meio de laços de amizade, mas também através do exercício ou da oferta de determinados serviços pelo meio de estabelecimentos e equipamentos urbanos.

Mapa da Movimentação dos Grupos Juvenis na “Pracinha do Siqueira”



Fonte: Designer de Interiores: Viviany Moura de Freitas

Legenda

- A. Movimentação dos grupos autoidentificados com o estilo musical do *rock*, do *hip hop* e do *reggae*.
- B. Movimentação dos grupos autoidentificados com o estilo musical do *pagode*.
- C. Movimentação da venda de drogas.
- D. Jogos
- E. Movimentação dos grupos das Igrejas Evangélicas.

3. Auto-exposição como estilo de vida: o caso dos “pagodeiros”

A partir de um convívio prolongado com os grupos investigados, durante suas frequências à praça, foi possível perceber que os jovens reconhecidos como pagodeiros no Siqueira Campos consideram-se artistas, pois apostam na carreira de dançarino em bandas de forró e de pagode, em detrimento da valorização dos seus estudos. Eles criam expectativas sobre a possibilidade de que o lazer pode-lhes trazer a subsistência, pelo menos temporária. Entre quinze jovens pesquisados, nenhum terminou o Ensino Médio, e a maior parte de seus recursos vem de *shows* que fazem com tais bandas ou de financiamentos familiares. Embora tenham perfil socioeconômico semelhantes, pois são filhos de operários, comerciantes e funcionários públicos, alguns deles não residem no Siqueira Campos, mas frequentam o bairro, devido a relações de amizade ou pelo que o espaço proporciona como lugar de encontro, consumo e diversão.

Nas entrevistas com o grupo dos pagodeiros, sobre diversos fatos do seu cotidiano, foi comum eles dizerem ser avessos a estilos musicais e visuais ditos por eles “agressivos” e ao consumo de drogas e álcool em excesso. Assim sendo, julgam apresentar diferenças significativas em contraste com outros grupos juvenis considerados “de dentro”, na “Pracinha do Siqueira”, como os ditos “alternativos”, os quais, de forma jocosa, denominam de “satanistas”, pelos seus gostos musicais, trajes e acessórios utilizados.

Os pagodeiros estão sempre animados e cuidadosos com o visual ou o modo como se apresentam. No entanto, essa imagem não é ortodoxa, ora uns estão usando roupas apertadas e coloridas, ora outros se apresentam com vestimentas e acessórios que outros grupos juvenis afirmam compor a indumentária do *hip hop* e dos diversos estilos do *rock'n roll*. "Pagodeiro é assim, tem uma diversidade de estilos, mas o que vale é gostar do ritmo, do *swing*, é saber dançar e buscar visibilidade onde o cara anda"⁸, diz um jovem que se afirma como pagodeiro.

Essa descrição da aparência corporal, dos gestuais e o conjunto de símbolos que compõe o processo de identificação dos "pagodeiros", podem ser associados ao que Bourdieu (2006) denomina de *hexis* corporal: um sistema cultural que se expressa em forma de símbolos, marcados pelo jeito de andar, de falar e de vestir, ou seja, um conjunto de comportamentos que caracterizam esteticamente como um determinado grupo se expressa e se imagina como tal.

O pagode é considerado um estilo de música brasileira.⁹ Neste caso específico, também é aqui conhecido como samba, que, no contexto atual foi transformado num produto de massa bastante comercial e de gostos efêmeros no universo das possibilidades culturais. Como vimos o grupo de jovens reconhecidos e autodenominados como pagodeiros, que frequentam o Siqueira Campos, apresentam sentidos estéticos ambíguos, relacionados

⁸ Entrevista concedida por jovem com ensino fundamental completo, desempregado, solteiro, 21 anos, reconhecido como "pagodeiro", 23/07/2010.

⁹ Musicalmente falando, o pagode em questão é também denominado de pagode baiano. Segundo Nascimento (2010), que têm estudado o assunto, o pagode baiano às vezes se aproxima do *axé music*, mas não se enquadra neste movimento musical, sendo um estilo compreendido como expressão da "música baiana", que pode ser considerado um gênero híbrido. Para o autor, o pagode baiano seria uma mescla da tradição do samba do recôncavo baiano com algumas intervenções ou inovações tecnológicas, incorporando novas experimentações a partir de tecnologias como o *sampler* e dialogando com outras tradições regionais, a exemplo da chula, e mais recentemente da música eletrônica e do *funk*.

a outras culturas juvenis, utilizando indumentárias e acessórios que também são ditos como do *rock* e do *hip hop*, embora o modo dos usos seja distinto, bem como a composição destes com outros símbolos ganham outros sentidos.

O contato com meios de comunicação de massa, bens culturais espetacularizados (DEBORD, 1997), tais quais as indumentárias e os acessórios ligados principalmente ao estilo musical do pagode, assim como o estabelecimento de sociabilidades e consumos específicos, caracterizam bem esse estilo de vida, com o qual os interlocutores da presente pesquisa dizem se autoidentificar. São jovens que apreciam as roupas que vestem e gostam de cuidar da sua aparência: “[...] cabelos estilo moicano com mechas vermelhas ou loiras, sobrancelhas e do corpo em geral. O pagodeiro é um cara que gosta de chamar atenção, principalmente das meninas, por isso a gente cuida do *look*, do visual”¹⁰, diz um jovem de vinte dois anos, proclamando os objetivos de certo tipo de comportamento. Como admite Bourdieu (2006, p. 85), as técnicas corporais e os bens culturais constituem verdadeiros sistemas simbólicos, solidários a todo um contexto cultural e, neste caso, o objetivo de tais escolhas é outro elemento que distingue o estilo.

Ser “pagodeiro” é gostar do som, é farra, curtidão. É o jeito de se vestir que para mim conta muito, drogas não tem nada a ver com a gente. Beber a gente bebe, mas é só cerveja. Eu comecei a dançar com meu irmão mais velho, aí gostei e comecei também. Hoje ele não dança mais, já passou da idade. Eu assistia muito DVD e sempre gostei do pagode. A gente do pagode tem muita vaidade. Eu mesmo gosto de malhar, ficar em forma [...]¹¹.

¹⁰ Entrevista concedida por jovem com Ensino Fundamental completo, dançarino de bandas de forró, solteiro, 22 anos, reconhecido como “pagodeiro”, 19/05/2010.

¹¹ Entrevista concedida por jovem que cursou até o 6º Ano do ensino fundamental, dançarino de bandas de pagode, solteiro, 18 anos, reconhecido como “pagodeiro”, 19/05/2010.

A "Pracinha do Siqueira" é um espaço onde as juventudes podem melhor expressar-se, significar particularidades de seus estilos de vida no bairro, como também realizar trocas simbólicas entre os diferentes grupos de interesse e expressão. Mesmo que de forma amena ou conflitante é no espaço público que as singularidades das juventudes do bairro se expressam, compondo as particularidades de grupos desvinculadas da hierarquia familiar, escolar, religiosa ou estatal. Neste espaço, a juventude expressa sua autonomia de escolha sobre o gosto, a identidade e a diferença.

Cotidianamente é na Praça Dom José Thomaz que os "pagodeiros" usam o tempo livre para a prática do lazer, se reúnem para exibir o visual, conversar, dançar e paquerar. Nos finais de semana, seu espaço de circulação é acrescido por "casas de pagode" localizadas no bairro. Portanto, evidencia-se que jovens autoidentificados com o estilo musical do pagode, têm mais oportunidades de se deslocar e circularem a procura de lazer e divertimento em outros pontos do bairro, pois esta é uma forma hegemônica de estilo de vida no Siqueira Campos. Encontramos alguma unidade no sistema das atitudes corporais desses jovens quando observamos as indumentárias, acessórios, linguagens e a marca do andar com as pernas arqueadas, mexendo os ombros, a cabeça e a boca de forma contínua, como se estivessem dançando.

Este caso constitui um bom exemplo de juventudes que ocupam espaços públicos como territórios de subjetivação, trocas e encontros com culturas juvenis distintas, que se movimentam e se estabelecem a partir de demarcações dos lugares. Os jovens autodenominados de pagodeiros têm seus pontos de preferência na "Pracinha do Siqueira". Paramentados com seus emblemas, chegam diariamente à Praça Dom José Thomaz em horários próximos ao final da tarde, na hora de saída dos colégios, e se movimentam nas proximidades do ponto de ônibus e das quadras de esportes¹². Raramente têm a intenção de praticar alguma ativi-

¹² Ver Mapa da Movimentação dos Grupos na "pracinha do Siqueira".

dade desportiva. O objetivo é exibir o visual e expor-se para conquistar admiração dos que passam. Acreditam ser reconhecidos por causa do visual, pela forma de andar e alguns por fazerem parte de bandas sergipanas de forró e pagode, pelo que gostam de ser reconhecidos.

Nos finais de semana, ao anoitecer, quando não estão viajando ou trabalhando em *shows*, os jovens pagodeiros se movimentam pelos bares-lanchonetes da “Pracinha do Siqueira” e se estabelecem nas proximidades do ponto de táxi, em frente a uma feira de roupas, de bijuterias e de eletroeletrônicos. Nesses lugares, eles conversam, compartilham seus projetos de vida e dividem passos de danças ao som do pagode tocados em seus celulares sonoramente potentes e estilizados. Depois se dirigirem finalmente às casas de pagode localizadas no bairro. Também aproveitam o local para beber cerveja ou refrigerante, lanchar, conversar e paquerar, ocupando o tempo ocioso e afirmando-se no espaço da praça.

É significativo mencionar que jovens ligados à identificação com certos estilos associados à música, inscrevem com e no corpo atitudes e modos de ser que os caracterizam. No caso dos jovens reconhecidos como “pagodeiros”, cotidianamente optam por se vestirem de forma semelhante para que as pessoas pensem que são “irmãos” e sempre um ajuda ao outro na configuração do visual (do “*look*”). “A gente anda junto, trabalha junto e nos vestimos parecidos. Todos pensam que somos irmãos. Sempre um tá na casa do outro ajudando a se vestir”, destaca um jovem de vinte um anos¹³.

É interessante observar que os dados da pesquisa demonstram que, para as juventudes consideradas “de dentro”, na “Pracinha do Siqueira”, ficar neste lugar cotidianamente é uma das formas de passar o tempo ocioso e estabelecer vínculos sociais com outros jovens. Além disso, nos finais de semana à noite, a Praça

¹³ Entrevista concedida por jovem com ensino fundamental incompleto, dançarino de bandas de pagode, solteiro, 21 anos, reconhecido como “pagodeiro”, 19/05/2010.

Dom José Thomaz fica repleta de jovens e demais indivíduos que se deslocam de outros bairros à procura de formas de ocupar o tempo através dos equipamentos urbanos ali presentes.

As ritualidades cotidianas do grupo juvenil reconhecido como "pagodeiros", no uso dos espaços coletivos do Siqueira Campos, expressam uma lógica interna que acompanha suas preferências pessoais de lazer. Um dos informantes revelou que a preferência pelo pagode no "Flamengo Circulista", localizado na Rua Neópolis, se dá devido à proximidade com a "Pracinha do Siqueira", onde existe uma boa oferta de transporte público e uma grande circulação de pessoas. Além disso, é um espaço tradicional do samba no bairro. A rua onde esse clube se localiza também tem uma circulação e um trânsito intenso de carros com sons potentes e de motocicletas, além de vendedores de bebidas e lanches que redesenham o espaço da rua com suas mesas e cadeiras no passeio público. Eles não precisam, portanto, necessariamente entrar na referida casa de pagode para que possam expor seu visual. Muitas vezes, ficam nas calçadas em frente ao lugar, dançando, conversando, paquerando e se exibindo.

Quando optam por entrar no "Flamengo Circulista", o sistema de carimbo no antebraço possibilita que os frequentadores possam entrar e sair com facilidade - algo que as outras casas de pagode do bairro não oferecem. "Geralmente a gente fica no Flamengo Circulista porque conhecemos os seguranças e a galera que anda por lá. Mas se tiver alguma banda boa ou um convite massa para ir pro "Federal" ou o pro "Formiga", a gente também vai", diz um jovem de vinte um anos sobre as casas do gênero no bairro¹⁴. A "Pracinha do Siqueira" é próxima destes pagodes e vira ponto de encontro ou de passagem entre os que circulam entre elas. Em vez de constituir um modo de vida exótico e isolado, este grupo juvenil tem presença constante na praça e é mais visível que outros estilos no bairro.

¹⁴ Entrevista concedida por jovem com ensino fundamental completo, dançarino de bandas de pagode, solteiro, 21 anos, reconhecido como "pagodeiro", 22/09/2010.

4. Distinção, tempo e espaço na Praça do Siqueira Campos

Movimentar-se pelo Siqueira Campos nos finais de semana à procura de lazer, seja a pé, de carro ou de motocicleta, exibir-se, escutar os sons e apreciar todo esse movimento é fundamental para entendermos os processos de identificação entre os jovens e suas relações com os espaços de lazer e sociabilidades no bairro. Tanto as ruas quanto a “Pracinha do Siqueira” tornam-se espaços de sociabilidades, intensificados pelo ritual cotidiano do vaivém pelas “casas de pagode” nos finais de semana. A própria fila para comprar os ingressos, o dançar ao lado dos automóveis e das motocicletas, o parar em frente a um carrinho de bebidas e de lanches pode se transformar em um contexto atrativo para a exposição dos “pagodeiros” e também pode ser um sinal que a noite está “bombando”¹⁵.

Particularmente, o gosto por um estilo, através de práticas culturais cotidianas e dos usos dos lugares de lazer, possibilita a existência de construtos de estilos de vida que regulam as relações de sociabilidades entre as juventudes, além de se configurar como uma forma de distinção geracional para os jovens no presente. Os ressentimentos e o reconhecimento público desses modos de vida tendem a sinalizar a alteridade e demonstram singularidades típicas dessa fase da vida.

Aqui na “Pracinha do Siqueira” todo mundo conhece todo mundo. Aqui, mesmo sem a galera gostar do pagode, mas respeita. O ruim é quando vamos para outros lugares. Porque tem muita censura contra a gente. Mas aqui não tem tanta, porque todos se conhecem. Mas em outros lugares eles acham que quem rebola é gay. Olha lá o gay rebolando a bunda. Essa galera aí é cheia de preconceito, principalmente no Conjunto Jardim e no Parque dos Faróis. Eu mesmo já até saí corrido de lá por causa disso. Em Nossa Senhora do Socorro¹⁶,

¹⁵ Expressão utilizada por eles significando que há grande movimento de pessoas e agitação no lugar.

¹⁶ Os Conjuntos Jardim e Parque dos Faróis fazem parte da região metropolitana da cidade de Aracaju, conhecida como “Grande Aracaju”, mas pertencem ao Município de Nossa Senhora do Socorro.

a galera não gosta muito dos "pagodeiros". Eu acho que é porque a gente chama a atenção, e tem gente que se incomoda com isso, e começam a procurar briga. Também tem isso que as pessoas não gostam porque somos de fora e tal. É por isso que a gente costuma andar em grupo de cinco ou dez pessoas¹⁷.

Nesse contexto, existe uma política microscópica das diferenças que cotidianamente se conflituam no bairro, principalmente na Praça Dom José Thomaz, onde a vida pública pulsa de forma significativa e os jovens demarcam espaços a partir dos estilos, mas também de práticas desportivas, de procedência, de vizinhança e de uma memória que é relativa ao espaço e às relações sociais da infância e da adolescência, muitas vezes perpassadas pela escola. Particularmente, mesmo que os grupos juvenis apresentem características de identificação distintas, eles se reconhecem geracionalmente na diferença, pois partilham traços biográficos e sociais similares.

Diz um jovem de vinte dois anos,

Os "pagodeiros" a gente respeita, mas não anda junto não. Mas todo mundo se conhece por aqui. Pagodeiro pra mim são os caras que andam com as roupas coloridas e apertadas, mas tem os que imitam os irmãos do hip hop. Eles são malhados e tem uns que fazem programa. É só ver eles aí nos bares com os gays. A gente tira onda com a gente mesmo, e diz um com o outro: deixe de "ser pagodeiro". O que eu quero dizer é pra o cara deixar de "ser boiola". Mas é brincadeira, é só gozação¹⁸.

Para os agrupamentos juvenis considerados "alternativos", perceber o corpo a partir de um conjunto de comportamento atrelado a movimentos de moda, como são caracterizados os pagodeiros nessa narrativa, introjeta uma imagem, mesmo que estereotipada, associada as características ditas afeminadas. Como

¹⁷ Entrevista concedida por jovem com ensino fundamental completo, dançarino de bandas de forró, solteiro, 22 anos, reconhecido como "pagodeiro", 19/05/2010.

¹⁸ Entrevista concedida por jovem estudante de curso técnico e músico nas horas vagas, solteiro, 22 anos, reconhecido como da "galera do reggae", 18/05/2010.

diz Bourdieu (2006, p. 88-89), ainda vivemos em uma sociedade dominada pelos valores masculinos, o que favorece a postura tosca, grosseira, rude e belicosa. Um homem mais atento aos seus trajes e a sua aparência “[...] seria considerado muito ‘encavalheirado’, ou ainda, o que dá na mesma, muito afeminado”.

As brincadeiras e as gozações entre os grupos juvenis reconhecidos na “Pracinha do Siqueira” é algo cotidiano. Além disso, é uma forma corriqueira que os jovens têm para demarcar as distinções entre os estilos de vida. Nesse caso, chamar um jovem autoidentificado com um estilo “alternativo” de “pagodeiro” é considerado como um tipo de ofensa, mas o contrário também.

Esse tipo de distinção acionado verbalmente entre os grupos juvenis que se movimentam na “Pracinha do Siqueira”, marca não apenas o gosto por um determinado estilo de vida, mas também pode demarcar diferenças entre os indivíduos. Relata um informante de dezessete anos, “Eu sou mais do *heavy metal*. Meu irmão é pagodeiro. A gente não se fala há três anos. Mas não é só por causa disso não [...]”¹⁹.

Cada grupo juvenil se movimenta por um lugar específico da Praça Dom José Thomaz e o tipo de ocupação e utilização dos equipamentos urbanos ajudam na forma demarcação dos espaços. No entanto, é a música e o estilo de vida associado a ela que aparece como um forte elemento no processo de identificação e de distinção entre os jovens. Aos estilos musicais estão associados as indumentárias, os acessórios, os cortes de cabelo, as linguagens, as gestualidades corporais e a forma de estar, consumir e usar os espaços da “Pracinha do Siqueira” e de outros locais de sociabilidade do bairro.

Os encontros, os contatos e as trocas acontecem no uso social da praça e da rua, onde os jovens se exibem e se diferenciam. O uso

¹⁹ Entrevista concedida por jovem estudante do ensino médio, solteiro, 17 anos, reconhecido como da “galera do *heavy metal*”, 08/04/2011.

destes espaços coletivos mistura aspectos da vida privada com a vida pública dos moradores (Menezes, 2004, p. 128) e de alguns frequentadores do bairro. Tais misturas possibilitam a emergência de um espaço onde os indivíduos se reconhecem e o convívio é próximo, as solidariedades e os laços pessoais e de vizinhança são particularmente favorecidos, mesmo que em determinadas situações se ressaltem diferenças nos modos de vida e nos sentimentos de identificação.

De algum modo, os jovens em questão parecem estar inseridos em processos culturais marcados notoriamente por apelos visuais e sentidos estéticos dissonantes, que vão além das relações exclusivas com os espaços de convívio. Por isto, eles estabelecem relações de sociabilidades a partir de afinidades que imaginam que se completam pela linguagem estética valorizada em torno de um dado estilo. São aglutinações em torno de um gosto compartilhado com grande capacidade simbólica de mobilização e negociado com outras variantes de identificação nos espaços coletivos, neste caso a "Pracinha do Siqueira".

Considerações finais

Paulatinamente, através da observação participante e do contato cotidiano com as populações juvenis reconhecidas neste caso como a "galera do *rock*", a "galera do *reggae*" e a "galera do *hip hop*", que compõem os ditos "alternativos"; e os "pagodeiros", revelaram que os usos do espaço-tempo do lazer podem estar ligados a determinadas culturas juvenis, que podem ser indicadores de estilos de vida distintos, mobilizadores de identificações que ultrapassam o sentido do divertimento, da falta de vínculos de compromisso, das relações e atitudes casuais e demarcam relações sociais no espaço público.

Os espaços de usos coletivos no Siqueira Campos são plurais, porém, os jovens autoidentificados com o estilo musical do pagode

tem mais oportunidades de uso e trânsito no bairro, devido à existência de outros ambientes em que são tocadas músicas de seus estilos nos bares e lanchonetes na “Pracinha do Siqueira” e nas casas de pagode espalhadas no bairro. Nesse sentido, evidencia-se que esse estilo de música e dança é uma forma hegemônica de identificação entre os jovens no Siqueira Campos, enquanto os “alternativos” tornam-se, de certa forma “outsiders”, no sentido que Howard Becker (2008) deu ao termo.

Para os jovens “alternativos”, o trânsito é menos intenso no bairro e ficam mais circunscritos aos espaços da “Pracinha do Siqueira”, onde desenvolvem, praticam e circulam relações de amizades, lazer e projetos de vida. Porém, também transitam por outros espaços na cidade de Aracaju, distantes do bairro, à procura de lazer e diversão, como o Parque da Sementeira e a Rua da Cultura, considerados espaços de estilos mais alternativos (Silva, 2011 e Wanderley, 2008). Todavia, eles consideram a Praça Dom José Thomaz como um espaço central para o desenvolvimento de suas relações de sociabilidades, aquisição de informação, articulando as amizades locais adquiridas em suas trajetórias de vida e demarcando o território da praça também como espaço de refugio com relação ao “mundo dos adultos” e como lugar de socialização da juventude no bairro.

Ser jovem no Siqueira Campos está relacionado a um conjunto diversificado de modos de agir e de pensar a vida, associados às novas tecnologias, às formas de trabalho, ao lazer, às sociabilidades, à diversão e, principalmente, aos estilos musicais que criam intenções, gostos e modos de sentir-se jovem. No caso que apresentamos, também é ser reconhecido socialmente como tal, a partir de um dado estilo de vida que demarca a diferença com o que eles consideram o modo de ser da infância e da vida adulta. Tais compreensões perpassam relações sociais locais atravessadas por consumos de símbolos culturais locais e globais, muitas vezes associados à forte presença da música em suas vidas.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. "Distúrbios identitários em tempos de globalização". **Mana**. Vol. 7. n. 2. Rio de Janeiro, out. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200001.

ALMEIDA NETO, Mateus Antonio de. **Juventudes e estilos de vida: sociabilidades no bairro Siqueira Campos**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFS, São Cristóvão, 2012.

BARRAL, Gilberto Luiz. **Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso de bares**. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2006. (Dissertação de mestrado).

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos sobre sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. "O camponês e seu corpo". In: **Revista de sociologia e política** nº 26: 83-92 jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>.

BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo, SP: EDUC, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 11 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v 1.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. 9 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v 2.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-modernismo**. São Paulo, Studio Nobel, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEBDIGE, Dick. **Subcultura: El significado del estilo**. Barcelona: Paidós, 2004.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da Cidade**: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea. 2ª Ed. Campinas, Editora UNICAMP/ Editora UFS, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17(49): 11-29. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_arttext.

_____. “Os circuitos dos jovens urbanos”. In: **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, 2005, pp. 173-205. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a08v17n2.pdf>.

_____. “Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?” In: **Caderno de campos**, 1992. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol2_n2_1992/cadernos_de_campo_n2_48-51_1992.pdf.

_____. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2003.

_____. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

_____. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 3. ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2008. 318 p.

MARCON, Frank Nilton. “O Kuduro - Estilos de Vida e os Usos da Internet pela Juventude do Tempo Presente”. In: **Cadernos do Tempo Presente**. Edição nº. 07. Disponível em: http://www.getempo.org/revistaget.asp?id_edicao=33&id_materia=126.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. BORELLI, S. e FREIRE FILHO, J. (org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-33.

MENEZES, Marlucci. **Mouraria, retalhos de um imaginário**: significados urbanos de um bairro de Lisboa. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2004.

_____. “A Praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 301-328, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a13.pdf>.

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. **Entrelaçando corpos e letras: representações de gênero nos pagodes baianos**. Dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. UFBA, Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/6438/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20clebemilton.pdf>

PAIS, José Machado. "O "corre-corre" cotidiano no modo de vida urbano". In: **TOMO**, Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/ Universidade Federal de Sergipe Nº 1 (1998). São Cristóvão NPPCS/UFS, n. 16 jan./jun., 2010.

_____. **Culturas Juvenis**. Edição: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

SILVA, Williams de S. **A galera da Catedral**: representações de um estilo de vida *underground* e lógicas de apropriação do espaço urbano. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFS, São Cristóvão, 2011.

WANDERLEY, Maurício do Vale D. **A Cena Metal Aracajuana**: identidade e conflitos entre grupos antagônicos. Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, UFS, São Cristóvão, 2008.

Recebido em 05.04.2012.

Aprovado em 10.05.2012.